

Jacinto Fabio Corrêa

Afetos e Avessos

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

REVISÃO: Fabiano Gonçalves

AGRADECIMENTO ESPECIAL: Cecília Leal

CAPA: Heliana Soneghet Pacheco

DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C824a CORRÊA, Jacinto.

Afetos e avessos / Jacinto Corrêa – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.

142 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-600-0

1. Contos I. Título.

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

o maior desejo do mundo

ACABARA DE CHEGAR a visão auditiva mais desejada do dia de sair.

– Olha o tringuilim, olha o tringuilim!

Lá estava ele, elegante, dono de uma cascata de doces que, de tão doces, causavam frisson embaixo das orelhas. Frio na barriga não, embaixo das orelhas mesmo, trincando os músculos faciais laterais só de ouvir o ferro cantar na madeira para encantar as crianças. Como era poderoso aquele moço, a carregar com maestria o que havia de mais saboroso no mundo.

Mas conseguiria resistir. Afinal, ao sair de casa aceitou as regras da mãe:

– Não me peça nada, por favor, não me peça nada.

Ela entendia. A mãe não podia satisfazer todos os seus desejos. Porém, o que fazer com os olhos que, fixos, não paravam de desejar o que havia de mais desejoso no mundo? Pouco importava a dificuldade de tirar o papel do doce – tê-lo

às mãos, aos olhos, à boca, compensava qualquer sacrifício. Não tinha como evitar querer.

Até que o milagre aconteceu.

– Pode pegar um, sentenciou a mãe.

A alegria subiu do peito à face num só golpe, e Virgínia, naquele momento, podia se dizer a menina mais feliz da vida.

– Qual você quer?, perguntou o vendedor.

Muito difícil escolher. Apesar de serem todos iguais, deveria haver um diferente, mais açucarado ainda. Olhou, olhou e apontou para o do alto à esquerda: provavelmente o primeiro a ser embalado. Como brilhava! Como pedia para ser seu!

Com o maior desejo do mundo nas mãos, Virgínia ia lentamente saboreando o seu tesouro. Queria que custasse a acabar. Ofereceu à mãe que, com um gesto da cabeça, recusou – era todo seu, todo seu.

Pela primeira vez, não esperou a mãe tomar a decisão do carinho no passeio dominical pelo Largo do Boticário. Como forma de agradecimento e profunda prova de amor, Virgínia estendeu a mão que estava livre e alcançou, suave, o braço distraído da mãe.

nome

- SÉRGIO, VOCÊ vai se atrasar!
- Eu não me chamo mais Sérgio.
- Como você se chama agora?
- Frederico.
- OK, Frederico, anda logo para não chegar tarde à escola.
- Já vou, mãe.

Sérgio, Frederico, Marcelo, Ronny, Gustavo... não concordava com a lógica do mundo em se ter um nome só por toda a vida. A cada semana, às vezes no mesmo dia, as sensações mudavam de tal maneira, ficavam múltiplas, diferentes, que o nome escolhido pelos pais não fazia qualquer sentido. Definitivamente, na opinião de Sérgio, quer dizer, Frederico, não deveria haver uma lei que obrigasse as pessoas a terem um nome só. Malditas certidões de nascimento.

Teve uma ideia genial. Pediria aos pais para trocar o seu oficial Sérgio por... Nome. Seria mais amplo e poderia não se preocupar em se encaixar no que um nome comum diminuía

a ponto de incomodar. Mas reconheceu que, depois de um tempo, Nome também poderia acabar não significando a particularidade de um determinado momento. Não sabia o que fazer.

– Mãe, você tem uma sugestão para a minha necessidade de não ter um nome só?

– Não tem saída, filho. O mundo é assim. Tem coisas que por mais que a gente lute não mudam. Hoje, aos 12 anos, isso o chateia, eu entendo, mas daqui a pouquíssimo tempo você vai achar bom ter um nome só. Já pensou quando começar a namorar firme? Nem a moça nem os pais dela vão entender que o namorado um dia se chama Carlos, no outro Eduardo. Lamento, não tenho uma solução. Você é Sérgio.

Temporariamente vencido, esperaria chegar aos 18 anos para tomar uma decisão. Até lá, acataria Sérgio. Argh! Mas foi bom o papo com a mãe. Quem sabe, lá na frente, ele não se convenceria de que ter um nome só fosse mesmo mais útil e adequado para não ter maiores problemas? Difícil crer. Porém, desde agora, prestaria bastante atenção nas respostas das pretendentes a futuras namoradas. Só daria continuidade se, em meio a conversas corriqueiras, ao introduzir o assunto como quem não quer nada – “Eu tenho um primo que diz que...” – a menina achasse natural alguém querer ter todos os nomes do mundo. E que, em segredo de casal, topasse ser chamada um dia de Sônia, outro de Isabel. Roberta, a mais linda da rua, também parecia Julieta.

o destino de omar

OMAR ODIAVA o nome que a mãe lhe dera. Se desejava homenagear o mar, Marcos, tão mais comum, seria perfeito. Mas não. Ela precisava ser substantivamente infinitiva e exercer o poder de determinar o destino alheio. Fizera o mesmo com os filhos mais velhos: Romana, em reverência ao Vaticano, e Apoema, por sua paixão pela poesia.

Para desgosto da mãe e vingança dos irmãos, Romana fez a cabeça no candomblé e Apoema jamais chegou ao fim de um livro. Mas Omar, para deleite de dona Edyr, se casou com Maria que, sem avisar ao marido, batizou os filhos gêmeos de Marcelo e Marta.

Já avô de Mariana e Marimar, Omar acabou se acostumando com seu nome, mas ainda declina convites para velejar: sabe que o destino quer levá-lo para o fundo das águas. Distante, acredita que viverá o suficiente para conhecer a bisneta já batizada no ventre de Céu, que iniciará a história

celeste da família, bem longe do mar que ele jamais teve coragem sequer de tocar em fotografias.

a herança de verônico

ASSIM COMO VÁRIOS amigos, Verônico odiava o próprio nome. Onde já se viu chamar uma criança assim? Como ninar um bebê com esse nome? *Dorme, Verônico do meu coração...* Onde sua mãe estava com a cabeça? Vai ver foi coisa de geração. Azar o dele não ter nascido na época certa, em que João e José faziam sucesso.

Tomou coragem e resolveu perguntar, depois de 14 anos de vida e chacotas.

– Queria que você tivesse um nome que me lembrasse todos os dias do verão, a única estação em que consigo ser feliz. Toda vez que o chamo, eu sou feliz, mesmo não sendo verão.

Desarmado, Verônico sorriu para ela e mentiu:

– Não é que eu não goste, entende? Mas é muito diferente...

Percebeu, nos olhos da mãe, uma ponta aguda de dor, como se o comentário fosse acompanhado de um punhal em seu peito. Assim que ela se retirou para o quarto – a eterna enxaqueca –, no auge do arrependimento, ele prometeu a si

Este livro foi composto em Cambria pela Editora Penalux e
impresso em papel off-white 80 g/m², em novembro de 2019.